



ARTIGO ESPECIAL

A representação da mulher e do homem na arte ocidental

Clara Pechansky^a

^a Artista visual - desenhista, pintora e gravadora. Bacharel em Pintura pela Escola de Belas Artes de Pelotas, da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Licenciada em Desenho e História da Arte pela Faculdade de Educação - UFRGS.*

Resumo

Este trabalho faz referência às temáticas apresentadas na arte ocidental, explicando sua pouca ou nenhuma variação ao longo dos séculos. Aborda o tema da mulher como objeto, as causas e consequências desse tipo de representação, e faz comentários sobre a censura às obras de arte.

Palavras-chave: História da arte; Ocidente; Feminino.

Abstract

This work refers to the themes presented in Western Art, explaining its little or no change over the centuries. It addresses the issue of women as objects, the causes and consequences of that type of representation, and comments on the censorship of works of art.

Keywords: History of Art; Western hemisphere; Feminine.

* Clara Pechansky estudou com Locatelli, Stockinger, Bianchetti, Glauco e Danubio. Sua trajetória inclui exposições individuais na Alemanha, na Bélgica, na Espanha, na Holanda e nos Estados Unidos, e mais de 100 participações em salões, bienais e trienais em 17 países dos 5 continentes. Suas obras integram coleções particulares e públicas do Brasil e do exterior.

Poucas variantes temáticas são encontradas nas imagens da História da Arte Ocidental. Durante séculos, os únicos assuntos ilustrados pelos artistas foram a Bíblia, com seu novo e antigo testamento, e a mitologia grega. A explicação é simples: encomendadas e portanto patrocinadas pela nobreza e pelo clero, só eram permitidas e aceitas imagens que fosse do agrado dos donos do poder. Muito tempo transcorreu até que os artistas passassem a trabalhar de forma independente e a arte se abrisse para novos assuntos. Mesmo assim, a censura sobre a arte sempre existiu e ainda existe, tornando alguns temas tabus ou inapropriados. Este artigo tem por objetivo fazer pequenos recortes e comentários pontuais sobre representações da mulher e do homem nas artes visuais, suas causas e suas consequências.

Temas

Os mitos gregos sempre instigaram a imaginação do Ocidente, com suas ricas e fantásticas histórias de deuses e heróis. Atendendo ao gosto dos poderosos, os tetos, paredes e jardins de moradias burguesas e de nobres salões foram decorados com pinturas narrativas que, além do objetivo de ornamentar, podiam ter também a função mágica de trazer bons fluidos, evitando o mau-olhado.

As capelas e pequenas igrejas, igualmente financiadas pela nobreza e pela aristocracia, requeriam outro tipo de decoração: deviam representar santos ou trechos da vida do patrono ou benfeitor. Ao papado e às ordens religiosas cabia encomendar os templos maiores, abadias, mosteiros e catedrais, que obrigatoriamente deveriam mostrar somente cenas bíblicas ou das vidas de santos. A altura dos templos e sua suntuosidade contribuíam para aumentar a sensação de distância entre povo e poder constituído, reforçando a ideia de autoridade e opressão.

Essas regras se mantiveram durante muitos séculos, gerando uma imensurável herança icônica, que até hoje impressiona como um caudal de imagens que se multiplicam. Por outro lado, a pobreza de assuntos torna-se muitas vezes tediosa, já que as narrativas se repetem, apresentando poucas variações.

O papel submisso e reprimido da mulher, até meados do século XIX, explica por que não há na História da Arte mulheres pintoras ou escultoras, com raríssimas exceções. Mulheres não recebiam incumbências de pintar igrejas ou salões. Como não lhes era destinado nenhum papel importante a não ser gerar filhos, às mulheres artistas, quando muito, eram encomendados alguns retratos, encontrados nos acervos de museus: são em geral piegas cenas domésticas ou exteriores românticos.

Nas cenas mitológicas, porém, a mulher é que tem papel dominante, mesmo que o mito a descreva como submetida ou inocente (fig. 1). Na mitologia grega, os titãs, deuses, musas e semideuses agem como humanos, com todas as qualidades e defeitos de homens e mulheres comuns. A enorme quantidade de mitos é tão importante que chegou até nossos dias sem perder o frescor, alimentando fantasias e inspirando artistas e intelectuais.

Explorado *ad nauseam* pela publicidade, o tema da sexualidade e da mulher como objeto ainda exerce poderoso fascínio sobre homens e mulheres, mesmo no século XXI. E seria redundante, numa revista que trata de psicoterapia, mencionar Freud e as fontes mitológicas de suas teorias.



1. Jacob Jordaens – O rei Candaules mostrando sua mulher para Giges.
Séc. XVI/XVII - local indefinido

A representação da mulher: Vênus, Marte e outros casais

As artes visuais constituem uma forma socialmente aceita de mostrar a sexualidade, seja através da pornografia ou do erotismo. No entanto, ainda hoje, tradições culturais ou resquícios de moralismo só admitem a presença de quadros com nus no dormitório, onde por convenção social as pessoas podem tirar a roupa.



2. Peter Paul Rubens – Vênus e Cupido - c. 1606 - Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid

Em múltiplas poses e cenários, Vênus, bela, delicada e sedutora, ficou consagrada como a imagem do feminino. Na maioria das pinturas ou esculturas aparece nua, ao lado de Cupido e de um espelho (fig. 2). Uma de suas representações mais conhecidas foi criada por Giorgione, copiada por Ticiano e posteriormente por Manet, que escandalizou a sociedade francesa do século XIX usando a prostituta Victorine Meuret como modelo para Olympia (figs. 3, 4 e 5).



3. Giorgione – Vênus – c.1510 – Gemäldegalerie, Dresden



4. Tiziano Vecellio – Vênus de Urbino - 1538 - Galleria delle Uffizi, Florença



5. Édouard Manet – Olympia - 1863 - Museu d'Orsay, Paris

O par e oposto de Vênus é Marte, deus da guerra, em geral representado em toda sua força e masculinidade, salvo algumas exceções (fig. 6 e fig. 7).



6. Sandro Botticelli – Vênus e Marte - 1483 - National Gallery, Londres



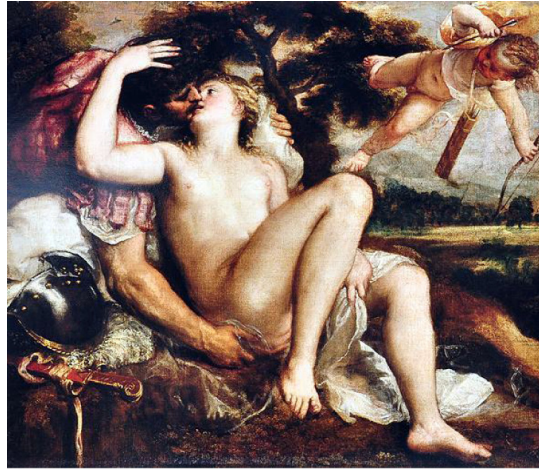
7. Clara Pechansky – Vênus e Martes - 2011 - Coleção da artista

Outra imagem consagrada é a Maja de Francisco Goya, pintada por volta de 1800 em duas variações. A mais conhecida é a maja nua (fig. 16), mas a sua versão com roupa também pode ser apreciada no Museu do Prado.



Casais heterossexuais, a exemplo de Vênus e Marte, compõem a quase totalidade da História da Arte e são mostrados nas mais variadas poses (fig. 8, 9, 10 e 11). Esse tipo de representação, em que a mulher aparece nua, está enraizado na cultura ocidental, é incluído nas coleções dos museus mais importantes do mundo e aprovado sem contestações pelos visitantes.

8. Peter Paul Rubens – Vênus, Marte e Cupido - c. 1630 - Dulwich Gallery, Londres



9. Ticiano Vecellio – Vênus, Marte e Cupido - 1783 - Kunsthistorische Museum, Viena



10. Henri de Toulouse-Lautrec - A cama - 1892 - Museu d'Orsay, Paris



11. Auguste Rodin – O beijo - 1882-1889 - Museu Rodin, Paris

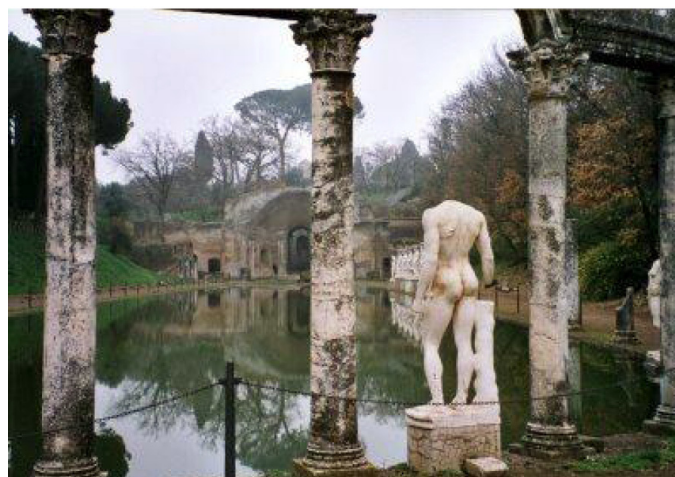
Casais do mesmo sexo também têm seu lugar na iconografia, embora estejam à vista para o público em muito menor número. Cenas homossexuais se mantêm restritas a coleções particulares devido à censura cultural, portanto poucos exemplares estão em acervos públicos.

A Villa Adriana foi erguida pelo imperador Adriano para louvar Antínoo, cuja beleza ainda pode ser admirada pelo que restou de suas estátuas, havendo inclusive moedas cunhadas com a efígie do preferido do imperador (fig. 12, 13 e 14).

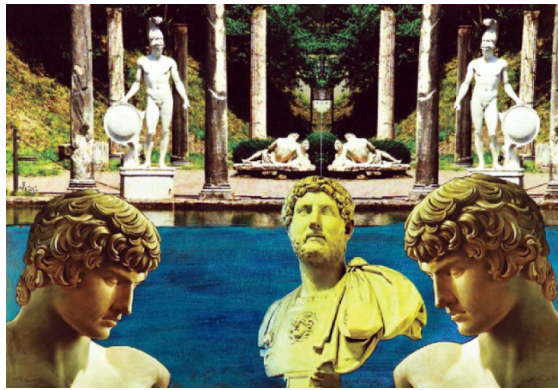
O Museu do Louvre abriga o famoso retrato presumido de Gabrielle d'Estrées, amante de Henri IV, ao lado de uma prima ou irmã, em pose íntima (fig. 15 e 16). Já Courbet pinta um casal feminino em cena lânguida (fig. 17).



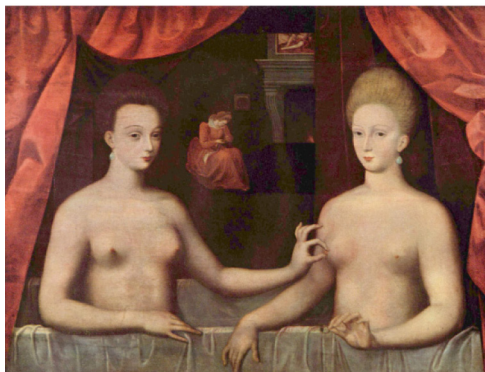
12. Cabeça de Antínoo - séc. I - local indefinido



13 . Villa Adriana (Villa d'Este) - Roma



14. Clara Pechansky – Villa Adriana - 2012 - coleção da artista



15. Escola de Fontainebleau - Gabrielle d'Estrés e uma prima - 1594 - Museu do Louvre, Paris



16. Clara Pechansky – O quarto das majas - 2006 - Coleção da artista



17. Gustave Courbet – O sono - 1866 - local indefinido

A recriação da imagem - releituras



18. Giorgione e Ticiano – Concerto campestre - 1510 - Museu do Louvre, Paris



19. Rafael Sanzio – O julgamento de Páris - c.1510 - local indefinido

O citacionismo, a apropriação e a releitura, práticas existentes entre os artistas, têm mais um exemplo no quadro *Concerto campestre*, pintado por Giorgione em 1508 e provavelmente concluído por seu discípulo, o grande Ticiano, em 1510 (fig. 18). Giorgione e Ticiano podem ter tido conhecimento da gravura *O julgamento de Páris* de Rafael (fig. 19), que teria mais tarde originado a tela de Manet *Le déjeuner sur l'herbe* (Almoço da relva). Novamente a presença de Victorine Meuret, nua, entre homens vestidos, escandalizou os visitantes (fig. 20). As incontáveis releituras para *Le déjeuner sur l'herbe* incluem mestres como Cézanne e Picasso. O quadro de Manet mais uma vez foi objeto de escândalo, tendo sido proibido no Salão Oficial de Paris em 1863, e portanto exposto no Salon des Refusés. Já Cézanne, contemporâneo de Manet, fez a sua versão aparentemente sem sofrer objeções em 1876 (fig. 21). Picasso pintou mais de 200 versões, mas os tempos já eram mais abertos a partir de 1960 (fig. 22).



20. Édouard Manet – Le déjeuner sur l'herbe - 1863 - Museu d'Orsay, Paris

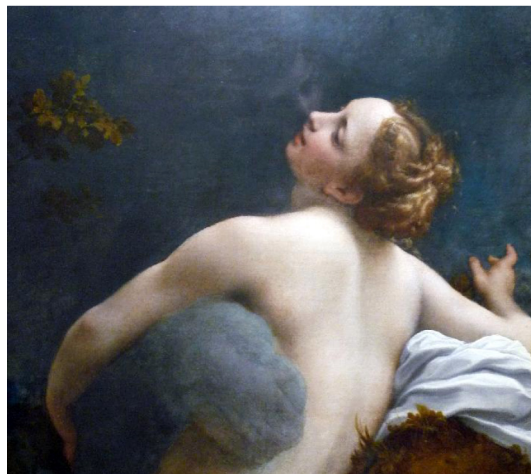


21. Paul Cézanne – Le déjeuner sur l'herbe - Museu Orangerie, Paris



22. Pablo Picasso – Le déjeuner sur l'herbe - 1960 - Museu Nacional Picasso, Paris

Seguindo a tradição da apropriação de imagens, não resisti ao desafio dos mestres e criei meus próprios casais, com citações de Ticiano, Velázquez e Goya (fig. 7 e 16), além de fazer a minha própria releitura de *Le déjeneur sur l'herbe* (fig. 34).



23. Antonio Correggio – - Júpiter e Io (detalhe) - 1530 - Kunsthistorische Museum, Viena

Os disfarces de Júpiter

Nenhuma personagem mitológica, porém, representa tão bem o macho sedutor quanto Zeus (Júpiter, na mitologia romana). Casado com a irmã Hera (Juno), cujo ciúme não era empecilho para suas aventuras amorosas, ele utilizava os recursos mais criativos para efetuar novas conquistas. Ora é representado carinhoso, em forma de nuvem, como em Correggio (fig. 23); dócil, na forma de um touro ornado com flores (fig. 24); ou agressivo, metamorfoseado em um cisne (fig. 25).



24. François Boucher – O rapto de Europa - 1747 - Museu do Louvre, Paris



25. Atribuído a Peter Paul Rubens - (cópia de Michelangelo?) - Leda e o cisne -
c.1602 - Museum of Fine Art, Houston

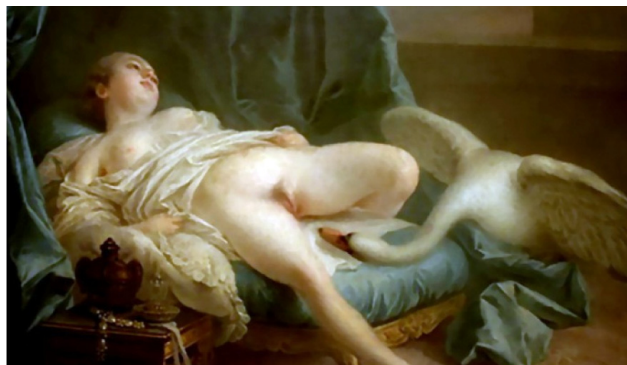
Talvez o mito mais ilustrado seja justamente o de Leda e o cisne. No poema *Leda and the swan*, de William Butler Yeats (1865-1939)** , a narrativa mantém seu vigor mesmo na tradução de Augusto de Campos:

*Um baque súbito. A asa enorme ainda se abate
Sobre a moça que treme. Em suas coxas o peso
Da palma escura acariciante. O bico preso
À nuca, contra o peito o peito se debate.
Como podem os pobres dedos sem vigor
Negar à glória e à pluma as coxas que se vão
Abrindo e como, entregue a tão branco furor,
Não sentir o pulsar do estranho coração?
Um frêmito nos rins haverá de engendrar
Os muros em ruína, a torre, o teto a arder
E Agamênon, morrendo.
Ela, tão sem defesa,
Brutalizada pelo abrupto sangue do ar,
Se impregnaria de tal força e tal saber
Antes que o bico inerte abandonasse a presa?*

A simbologia do bico do cisne atacando Leda pode, talvez, explicar a grande quantidade de obras existentes, tanto na poesia quanto nas artes visuais. Versões do mesmo mito são encontradas em outros poemas e também em desenhos (fig. 26), pintura (fig. 27) e escultura (fig. 28).



26. Leonardo da Vinci – Leda e o cisne - 1503-1507 - Devonshire Collection, local indefinido



27. Atribuído a François Boucher - Leda e o cisne (detalhe) - Local indefinido



28. Albert Belleuse – Leda e o cisne - c.1870 - Metropolitan Museum of Art, Nova York

A construção do mito

A arte ocidental não se alimenta somente da mitologia grega para representar a sexualidade. Outros mitos existem, criados pela igreja, pela literatura, e mais recentemente pelo cinema, pela televisão e pelas redes sociais. Alguns deles persistem, mas sempre vão brotando novos, principalmente devido à atual celeridade nas comunicações. Surgem da noite para o dia, tanto que levam a qualificação de virais, mas podem sumir com a mesma rapidez com que apareceram na mídia.



29. Pablo Picasso – Les demoiselles d'Avignon - 1907 - Museu de Arte Moderna, Nova York

Picasso teve a intuição de que seu quadro *As demoiselles de Avignon* provocaria um escândalo, tanto que o escondeu durante quatro anos até decidir mostrá-lo (fig. 29). Ao retratar, com nítida influência da estatuária africana, as prostitutas do Carrer d'Avignò em Barcelona, Picasso criou um objeto que se transformou definitivamente em um ícone, assim como mais tarde a tela *Guernica* (1937), hoje no Museu Reina Sofia, Madrid. Não é preciso esperar a distância no tempo para sentir o peso e a qualidade dessas criações e saber da sua perenidade para a história.

Por outro lado, o mesmo Picasso tentou esconder sua amante adolescente Marie Therèse Walter, enquanto permanecia casado com Olga Khoklova, mas não deixou dúvidas quanto ao tipo de interesse que MTW lhe despertava, no quadro *O sonho*, e em outros em que as iniciais da amante aparecem, de forma nítida ou sutil. No sentido oposto à óbvia representação fálica de Picasso, as insinuações de desejo são sugeridas por Johannes Vermeer nas cenas em que a *Alcoviteira* (fig. 31) recebe dinheiro, ou no namoro entre o oficial e a donzela (fig. 32).



30. Pablo Picasso – O sonho - 1932. Coleção particular



31. Johannes Vermeer – A alcoviteira - 1656 - Gemäldegalerie, Dresden



32. Johannes Vermeer – Oficial e moça sorridente - 1655 - Frick Collection, Nova York

Não é possível prever o surgimento de um mito. Todo artista tem a esperança de criar uma obra sem qualquer referencial anterior, mas isso é uma eterna utopia. Embora idealize que sua próxima obra será a definitiva, aquela que vai gerar no observador um impacto estético nunca sentido antes, é impossível negar a influência e o peso da História da Arte ao criar uma obra nova.

É desejável, sim, instigar aquele que vê pela primeira vez uma obra de arte, só que isso somente acontece mediante associações com o conhecido. O absolutamente inédito, eternamente perseguido pelo criador, não ocorre.

Isso é simples de entender se pensarmos que não existe o "ainda não inventado" em arte. Podemos pensar em ineditismo em termos de tecnologia, mas é impossível, para um artista, surpreender a si mesmo, porque sempre usará ferramentas, formas ou conceitos do seu próprio repertório a fim de criar novas obras.

Andy Warhol, em sua Factory (nome significativo para um ateliê de arte), imprimiu posters que se tornaram ícones a partir de símbolos sexuais de sua época, como Marilyn Monroe, Elisabeth Taylor e James Dean. O que ele fez foi reforçar a imagem, no sentido mercadológico, de deuses do sexo no século XX: a originalidade de sua obra está na forma como ele representou o mito, transformando-o em produto comercial.

A cantora Madonna, espertamente, vem explorando seu nome de nascença. Aliando o nome às madonas da imagética ocidental, pintadas à exaustão desde a implantação da Igreja Católica, ela toma a liberdade de apresentar em seus shows as variantes sexuais que produzem o escândalo e geram a manchete.

Somos diariamente bombardeados com música, fotos, vídeos e outras mídias, mas não sabemos se algum dos mitos atuais, recém-brotados no século XXI, vão permanecer para a história. Somente o distanciamento do tempo vai dizer quais desses mitos serão duradouros.

Em seu quadro icônico *A persistência da memória* (fig. 33), Salvador Dalí mostra relógios derretendo, uma perfeita ilustração para a inconsistência de alguns mitos em relação ao passar do tempo.

Considerações finais

Ao tentar exemplificar através de imagens as representações da mulher e do homem na arte ocidental, sou defrontada com a necessidade de constatar e reafirmar o que essas imagens sempre me ensinaram. Escrevo na ocasião em que a mídia brasileira divulga a seguinte notícia: causou espanto entre os próprios pesquisadores do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) o fato de que 65% dos

entrevistados disseram concordar com a frase "mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas". Essa pesquisa foi posteriormente revisada e apresentou a cifra, ainda assim muito alta, de 26%, e não 65%.

O comportamento em relação aos gêneros é uma herança cultural da "civilização" ocidental, sem mencionar o que ocorre, muitas vezes com maior gravidade, em outras culturas. Explícito ou insinuado, o sexo ainda é o assunto predominante nas imagens dos museus que visitamos, nos canais que assistimos ou nas revistas que folheamos.

Seja devido à histórica repressão e domínio do masculino, seja pela aceitação que a mulher teve ou foi obrigada a ter do seu papel de oprimida, seja pelo escravagismo, seja pela tradição que passa, literalmente, de pai para filho, sexo frágil e sexo forte são denominações que vêm nos acompanhando. Homofobia, machismo e outras heranças que geram comportamentos criminosos não vão desaparecer somente por meio de leis, e preconceitos irão se manter enquanto o menino for proibido de brincar de boneca. Na História da Arte, os autorretratos dos pintores nos olham como se nós fôssemos o seu espelho. Que essa história nos sirva de referência e de lição para seguir refletindo.



33. Salvador Dalí – A persistência da memória - 1934 - Museu de Arte Moderna, Nova York



34. Clara Pechansky – Adão sentado com fruto - 2012 (citando Manet, *Le déjeuner sur l'herbe*) - Coleção da artista

* *

Leda and the Swan

*A sudden blow: the great wings beating still
Above the staggering girl, her thighs caressed
By the dark webs, her nape caught in his bill,
He holds her helpless breast upon his breast.
How can those terrified vague fingers push
The feathered glory from her loosening thighs?
And how can body, laid in that white rush,
But feel the strange heart beating where it lies?*

*A shudder in the loins engenders there
The broken wall, the burning roof and tower
And Agamemnon dead.
Being so caught up,
So mastered by the brute blood of the air
Did she put on his knowledge with his power
Before the indifferent beak could let her drop?*

Correspondência

Clara Pechansky

Rua Dr. Lauro de Oliveira, 244/301

90420-210 - Porto Alegre/RS

clara@pechansky.com.br

Websites e webpages:

www.pechansky.com.br

<http://studiopechansky.blogspot.com.br/>

www.facebook.com/clara.pechansky

www.miniartex.org/

<http://www.saatchionline.com/profiles/portfolio/id/62267>

Submetido em: 31/03/2014

Devolvido para correções em: 20/06/2014

Retorno do autor em: 23/06/2014

Aceito em: 16/07/2014